

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

CICLEIDE ALVES DA NÓBREGA FORMIGA

**MUTAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES POÉTICAS DO NORDESTE
BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES E RECUOS ENTRE A POESIA DE
JOÃO CABRAL E BRÁULIO BESSA**

SOUSA

2019

CICLEIDE ALVES DA NÓBREGA FORMIGA

**MUTAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES POÉTICAS DO NORDESTE
BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES E RECUOS ENTRE A POESIA DE
JOÃO CABRAL E BRÁULIO BESSA**

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Edson Rufino

Artigo apresentado como requisito parcial
para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância do
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia
da Paraíba Campus Sousa.

SOUSA

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

CICLEIDE ALVES DA NÓBREGA FORMIGA

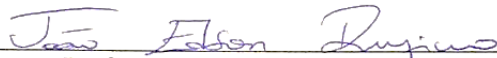
**MUTAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES POÉTICAS DO NORDESTE
BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES E RECUOS ENTRE A POESIA DE
JOÃO CABRAL E BRÁULIO BESSA**

Artigo apresentado como requisito parcial
para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras a Distância.

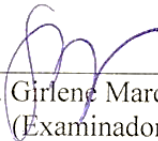
Orientador(a): João Edson Rufino

Aprovado em 04 de abril de 2019.

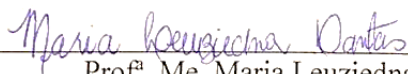
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Edson Rufino
(Orientador)



Prof.ª Dra. Gírlene Marques Formiga
(Examinadora)



Prof.ª Me. Maria Leuziedna Dantas
(Examinadora)

Dedico este trabalho a todos que foram meu apoio durante esta jornada. Não há como vencermos os grandes desafios da vida sem companhias que nos ajudem a permanecer no caminho. Por isso, primeiramente, dedico este trabalho a minha família, meu alicerce. A meu esposo que todas às vezes foi apoio firme nesta empreitada, e a todos os meus parentes próximos. Encontrei dificuldades, entretanto, muito maiores são os frutos provenientes de toda esta jornada. Devo isto a vocês, minha família.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos serão sucintos, apesar de extremamente significativos para mim. Gratidão resume bem o que sinto ao chegar nessa fase, que são o estopim culminante de todo o meu esforço durante esta carreira acadêmica. Agradeço a todos os mestres que gentilmente cederam seu conhecimento, repassando-o de maneira humilde, para construir em mim a profissional que, de fato, estou me tornando. Sem as devidas explicações, metodologia, e em alguns casos particulares intensa compreensão, não sei se esta jornada teria sido boa da forma como, de fato, foi. A todos da família IFPB Campus Sousa, que me acolheram, ajudaram e suportaram em meio às situações da vida. A meu orientador, que direcionou este trabalho para que pudesse ser uma contribuição significativa para o conhecimento pedagógico, que é formador das gerações que nos sucederão. A minha família, meu alicerce e refúgio de todas as horas. A Deus, meu socorro e abrigo de todos os momentos.

RESUMO

Este trabalho tem como escopo estudar as mutações ocorridas nas representações poéticas do Nordeste brasileiro através da comparação do poema *Morte e Vida Severina* (1955) de João Cabral de Melo Neto em relação aos poemas de Bráulio Bessa, *Orgulho de Ser* e *Coração Nordestino*. É executada uma discussão acerca dos conceitos de representatividade embasada nos trabalhos de Chartier (1991), Bastos (2008), Hall (1997) e Santi (2008). São apresentados os autores nordestinos e suas contribuições para com a literatura brasileira, com a finalidade de caracterizar a produção literária advinda da região. Logo, executa-se estudo interpretativo da obra *Morte e Vida Severina*, destacando as representações do Nordeste no poema contrapondo trechos da obra com as poesias de Bessa, observando as mudanças entre as representações do Nordeste presente nas obras. A análise aborda questões relevantes quanto às mutações literárias ocorridas no espaço de tempo entre a publicação dos poemas, evidenciando as notórias diferenças entre o nordeste lúgubre, apresentado em *Morte e Vida Severina*, e o nordeste da esperança, ostentado nas poesias de Bessa.

PALAVRAS-CHAVE

Representação, Poesia, Cultura Nordestina.

ABSTRACT

This work aims to study the mutations occurring in the poetic representations of the Brazilian Northeast by comparing the poem *Morte e Vida Severina* (1955) by João Cabral de Melo Neto in relation to the poems of Bráulio Bessa, *Pride of Being* and *Northeastern Heart*. A discussion about the concepts of representativeness based on the works of Chartier (1991), Bastos (2008), Hall (1997) and Santi (2008) is carried out. Northeastern authors and their contributions to the Brazilian literature are presented, with the purpose of characterizing the literary production coming from the region. Therefore, an interpretative study of the work *Morte e Vida Severina* is carried out, highlighting the representations of the Northeast in the poem, contrasting sections of the work with the poems of Bessa, observing the changes between the representations of the Northeast present in the works. The analysis deals with important questions regarding the literary mutations that occurred in the time period between the publication of the poems, evidencing the notorious differences between the lugubrious northeast presented in *Morte e Vida Severina* and the northeastern region of hope, shown in the poems of Bessa.

KEYWORDS

Representation, Poetry, Northeastern Brazilian Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
2. DISCUSSÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO	14
3. AUTORES NORDESTINOS – POESIA E REPRESENTATIVIDADE	18
4. OS AUTORES	23
4.1. João Cabral de Melo	23
4.2. Bráulio Bessa	26
5. APROXIMAÇÕES E RECUOS ENTRE MORTE E VIDA SEVERINA, DE JOÃO CABRAL, AS POESIAS <i>ORGULHO DE SER</i> E <i>CORAÇÃO</i> <i>NORDESTINO</i> , DE BESSA	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é conhecido como uma das regiões menos desenvolvidas do país. Por conta do baixo desenvolvimento econômico de determinadas áreas, principalmente aquelas mais distantes das capitais, a região apresenta um histórico de escassez de recursos naturais e econômicos, refletindo diretamente na qualidade de vida da maior parte de seus cidadãos. Apresenta uma distribuição desigual de recursos financeiros, sendo grande parte deles pertencentes a uma ínfima parcela da população, os mais ricos, enquanto a maior parcela de seus habitantes, principalmente moradores de localidades interioranas (dependentes de atividades rurais), apresenta renda inferior ao necessário para manter sua subsistência. Arelado a isto, têm-se o baixo desenvolvimento humano, caracterizado pelos altos índices de analfabetismo presentes na região ao longo das décadas. A qualidade de vida é um dos fatores diretamente afetados pela falta do desenvolvimento regional, o que faz com que as necessidades humanas mais básicas não sejam atendidas para as parcelas carentes da população. Necessidades como a alimentação, abrigo, higiene e segurança são algumas das que podem ser citadas.

A década de 50 é marcada pela realidade de um nordeste escasso e humilde, com grande parcela da população totalmente vulneráveis a problemas dos mais diversos tipos, entretanto a realidade atual da região é relativamente diferente. Com o desenvolvimento do Brasil como país, ao longo dos anos, alguns destes aspectos foram modificados, tornando a realidade do Nordeste atual diferente daquela vivenciada antigamente. Programas de assistência ao desenvolvimento voltados para a região foram capazes de melhorar de forma significativa alguns índices que eram assustadoramente baixos em meados de 50.

Analisar essas mudanças através da representação literária é possível, e permite evidenciar as diferenças patrocinadas pelo desenvolvimento da região, derivada de seus avanços econômicos, educacionais e sociais. Utilizar a poesia como lentes pelas quais essas mudanças são avistadas traz a ótica da visualização para a perspectiva do poeta nordestino, ser que sentiu na pele as consequências das mudanças, boas ou ruins, e que externa de maneira limpa seus sentimentos em relação ao ambiente onde sua vida se desenrola. A liberdade poética aliada aos sentimentos do poeta permite a visualização do panorama social de maneira

límpida, como um relato em sob a forma de cordel, de alguém que viveu, tendo total propriedade para discorrer sobre o assunto.

É interessante notar que, segundo Garcia (2017), o Nordeste brasileiro é, na verdade, formado por muitos nordestes. Os hábitos alimentares da região são diversificados de acordo com suas localidades. O linguajar do vaqueiro do semiárido não é o mesmo de um trabalhador da cana ou de um homem da capital, por vezes até a mesma palavra, dita em diferentes localidades, traz outro significado. Há aqueles que vivem a dezenas de quilômetros de qualquer estrada carroçável e os que diariamente enfrentam problemas de engarrafamento de trânsito nas grandes capitais (GARCIA, 2017).

As obras literárias abordadas neste trabalho relatam o Nordeste de contrastes dando maior enfoque ao povo interiorano/sertanejo, em disparidade à realidade dos grandes centros nordestinos, cidades de estrutura semelhante às grandes metrópoles de outras regiões do país. Sendo grande parte da parcela da população nordestina, por muitos anos, atrelada ao estilo de vida dos Sertões e Agrestes, é natural que este panorama seja, por muitas vezes, enfoque da narrativa de obras.

O objetivo geral deste trabalho é estudar as mutações da representação literária nordestina em poesias de diferentes épocas e de diferentes autores, comparando as modificações ocorridas na forma como o Nordeste é retratado. Para isso, o trabalho propõe-se a analisar o poema *Morte e Vida Severina*, cujo autor é João Cabral de Melo Neto, que retrata a realidade nordestina em meados década de 50 (período em que a obra foi publicada). Este panorama é simultaneamente contraposto com a visão do Nordeste retratado nas poesias contemporâneas do autor Bráulio Bessa, que traz uma perspectiva recente dos fatos. Assim é possível observar o quanto a representação poética, de fato, foi submetida a mudanças baseadas nas alterações de realidade do cidadão nordestino, e conseqüentemente do Nordeste como região, bem como observar fatores que permanecem os mesmos para os dois paradigmas, evidenciando a força que a cultura exerce sobre a região.

Por objetivos específicos, têm-se a construção de um novo olhar interpretativo sobre a clássica obra *Cabralina*, na perspectiva das teorias de representação e identidade de Hall (2006) e outros autores. Faz-se, também, um estudo analítico das poesias de Bessa, poeta jovem, com poucas produções publicadas até então, porém que expressa a identidade nordestina de maneira incontestável em suas criações.

A metodologia do trabalho se dá através do processo de leitura análise crítica e reflexiva das obras, detalhando os elementos que compõe o texto, superpondo-os, alinhando-os e comparando-os, na busca seus pontos em comum e suas divergências que caracterizam sua forma de representação poética do Nordeste brasileiro através da poesia, transmutada por consequência das mudanças sociais e políticas ocorridas entre período de publicação das referidas obras.

A representação da realidade nordestina em meados da década de 50 em *Morte e Vida Severina*, é feita tendo em vista a figura primordial da referida obra, o personagem Severino. Como protagonista, o personagem tem a capacidade de conduzir o percurso da narrativa, possibilitando ao leitor observar os elementos do ambiente sertanejo e, conseqüentemente, a realidade nordestina de acordo com a particularidade de sua visão de mundo e experiências, ora como sujeito individual, ora como indivíduo participativo. A jornada do nordestino neste ambiente escasso compõe o *corpus* da obra ao expor uma narrativa, da perspectiva do indivíduo inserido no cerne destes eventos, o protagonista Severino. Ao tratar das situações da obra fazendo uso de elementos da realidade nordestina da época, por vezes os hiperbolizando, a obra traz em si a capacidade de impactar o leitor, o induzindo a uma noção aprofundada, por vezes emotiva, dos fatos.

Contrapondo a densidade da obra de João Cabral temos as poesias contemporâneas do autor Bráulio Bessa, que trazem consigo a leveza de versos carregados de otimismo. As poesias de Bráulio trazem as marcas de sua vivência como autêntico nordestino, mantendo suas raízes que dão sustento à criação de versos que inspiram o leitor, sem perder de vista a identidade do autor. O Nordeste é retratado em suas poesias de maneira orgulhosa, como o estandarte de alguém que teve contato direto com a realidade nordestina, porém não se deixou abater pelas adversidades e têm em si um amor explícito por sua terra natal. Isto é evidenciado em poesias do autor, como *Orgulho de Ser* e *Coração Nordestino*, as quais são estudadas neste trabalho.

A estrutura do trabalho é conduzida da seguinte forma: o segundo capítulo deste trabalho traz um breve resumo dos principais autores nordestinos e discorre acerca da relevância de suas obras e ações no cenário regional e nacional. O terceiro capítulo dedica-se a discutir acerca de conceitos basilares para a estrutura do trabalho, como identidade e representatividade. O quarto capítulo aborda as

aproximações e recuos entre as obras de João Cabral e Bessa, executando comparações entre suas representações literárias do Nordeste através de suas poesias, evidenciando as mutações ocorridas. Por fim, expõe-se as considerações finais acerca do trabalho, suas contribuições e sugestões para trabalhos futuros.

2. DISCUSSÕES SOBRE REPRESENTAÇÃO

A representação é um importante conceito a ser discutido para a construção de um panorama literário comparativo entre obras. A literatura Nordestina é carregada de representatividade, do povo, seus costumes e estilo de vida. De forma que discutir teoricamente esse tópico é de extrema importância para o embasamento deste trabalho.

De acordo com Chartier (1991, p. 184 e 185), a palavra “representação” atesta duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a representação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Sendo ela, assim, o instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente, substituído por uma imagem capaz de reproduzi-lo tal como ele é. Desta maneira, a representação de algo pode ser feita de diversas maneiras, desde representações materiais a ideológicas, desde que seja uma tentativa de refletir a presença do objeto ausente.

Bastos (2008, p.6) afirma que representar é um gesto que supõe sujeito e objeto, sendo a relação entre sujeito que representa e objeto que é representado não simétrica, pois:

- O sujeito da representação não é um ser isolado, mas sempre um sujeito social;
- O objeto não é um dado empírico, sempre dado e disponível;

Desta forma a representação é submissa ao sujeito que a elabora. O objeto da representação não é imutável, mas, apresenta diferentes facetas e interpretações de acordo com o ponto de vista e características intrínsecas à observação individual (e pontual) do sujeito e a seu próprio estado. Assim o mesmo sujeito, sob situações diferentes, pode representar o objeto de maneiras díspares. E o objeto, observado por diferentes sujeitos, apresenta diferentes representações, mesmo que sob as mesmas condições. Sendo a representação diretamente ligada à visão do sujeito observador, pode-se perceber que a mesma é perturbada pela fraqueza da

imaginação deste que faz com que se tome o engodo por verdade, ao considerar os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é (CHARTIER, 1991, p. 185).

Também o objeto, é observado de maneira divergente de acordo com suas próprias condições, como, por exemplo, quando levamos em consideração a época em que a representação é feita. O objeto não sendo um dado empírico, mas a realidade social e histórica, é negociado por aqueles envolvidos no processo de representação. Constitui-se o campo da representação como o campo das contradições sociais, de forma que a literatura não representa o mundo empírico ou metafísico, mas sim as contradições de uma sociedade (BASTOS, 2008, p.6 e 7).

Segundo com Hall (1997, p. 5 e 6) *apud* Santi (2008) representar é produzir significados através da linguagem. Descrever ou retratar, junto a simbolizar e significar. Ao sugerir uma análise simples, de imaginar um objeto à nossa volta e tentar remeter-se novamente a este objeto sem sua presença, caracteriza a noção de que a representação é a produção do significado, do conceito, em nossa mente através da linguagem, muito adiante da existência de fato ou da observação empírica. Daí decorre, que convivem na representação, dois tipos de processos: o primeiro ligado aos sistemas de correlação a um conjunto de representações mentais que possuímos; o segundo relacionado à linguagem que possibilita a existência de um mapa conceitual partilhado, através do qual possamos representar ou intercambiar significados ou conceitos. Segundo o autor há três teorias que abordam a discussão da representação:

- Abordagem Reflexiva;
- Abordagem Intencional;
- Abordagem Construcionista;

A abordagem reflexiva é caracterizada por representar o significado as coisas da forma como são no mundo, com o propósito de gerar uma imagem espelhada daquilo que é real. Na abordagem intencional propõe-se significado através da linguagem, no ato de conduzir o espectador da representação o significado criado pelo autor da representação, mesmo que este não esteja diretamente relacionado à realidade. A abordagem construcionista trata a linguagem como produto social onde

os significados são construídos através dos sistemas de representação (SANTI, 2008, p. 6) sendo a cultura fator de extrema importância nas formas como a representação é gerada.

Santi (2008) afirma que a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos (a forma como representamos) que damos significado. Assim, o significado é dado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de uma interpretação do sujeito. Através da representação linguística o significado é atribuído, resultando na composição da imagem realística do objeto representado. De acordo com Hall (1997) *apud* Santi (2008) a representação só pode ser adequadamente analisada em relação às verdadeiras formas concretas assumidas pelo significado, no exercício concreto da leitura e interpretação, através da análise dos verdadeiros sinais, símbolos, figuras, imagens narrativas, palavras e sons, onde circula o significado simbólico. Sendo assim, a linguagem é o espaço cultural partilhado em que se dá a produção de significados através da representação. A representação através da linguagem produz-se o significado, e o significado permite que a representação tenha a essência que reproduzir a presença necessária para simular o preenchimento da falta do objeto representado.

A representação serve como o elo que une o significado e a linguagem à cultura. Para Santi (2008) os objetos, pessoas e eventos só adquire significado mediante uma representação mental que lhes atribui um determinado sentido sociocultural, sendo um processo que atua sobre a regulação das relações e sobre a própria prática social. Assim, a representação carrega em si traços da cultura da sociedade que a constroem, sendo a imagem final representada, claramente adornada de elementos da cultura de seu representador. Podemos imaginar que a representação generalista da figura de um homem sobre um cavalo para um cidadão da Inglaterra medieval remeta à figura de um cavaleiro, enquanto que a mesma figura representada por um nordestino carregue consigo traços de sua cultura, o representando como um vaqueiro ou similar. Ambas as representações têm em si significado, entretanto sua forma final é diretamente influenciada pela cultura de seu representador.

Os poemas de Bessa e a obra de João Cabral, *Morte e Vida Severina*, trazem consigo inúmeros elementos que representam a realidade do nordestino sob a ótica de seus autores, de acordo com suas respectivas épocas. Analisá-las tendo em vista os conceitos abordados neste tópico permitem a melhor compreensão do texto e dos elementos que permeiam a construção das narrativas.

3. AUTORES NORDESTINOS – POESIA E REPRESENTATIVIDADE

A representatividade é um produto das experiências do sujeito que representa, desta forma faz-se relevante observar as contribuições dadas por autores nordestinos, formadores da grande biblioteca literária que temos disponível hoje, através da qual somos capazes de observar representações do Nordeste. Autores de renome, nascidos e crescidos em solo nordestino, que desenvolveram obras cujo plano central é sua terra natal, fornecendo mais e mais formas de enxergar o Nordeste àqueles que se propõe a conhecer a região. Sua história, cultura e vida, em diferentes épocas e de diferentes perspectivas, estão acessíveis através destes versos e poemas, carregados de identidade nordestina.

O cordel é um grande exemplo da expressividade da poesia na região. O estilo é fortemente difundido, sendo um ramo de literatura popular. Uma prova de sua relevância é o fato de que as obras centrais deste trabalho são poesias escritas neste estilo, sendo Cabral e Bessa autores de relevância em suas respectivas épocas. Apesar de não ter sido criado em solos nordestinos, o cordel fez grande sucesso por estas terras onde permanece sendo um dos estilos mais produzidos. A preferência dos autores pelos versos em redondilha maior (de sete sílabas poéticas), com predominância da sextilha, além de temáticas que mesclam o regional ao universal, são características marcantes do cordel (HAURÉLIO, 2018). A presença de xilografura nas figuras que ilustram narrativas e capas das obras também são características marcantes. Ao explorar temas cotidianos e populares, o cordel se consolidou como uma manifestação literária tipicamente nordestina. Sua expressividade foi um elemento propulsor para a consolidação de um dos grandes movimentos culturais de origem nordestina, o “Movimento Armorial”, cujo precursor foi Ariano Suassuna (1927-2004).

O autor é um dos grandes nomes que representam a produção literária regional. O autor teve grande expressividade com sua obra *O Auto da Compadecida*, de 1955, que narra a história de Chicó e João Grilo em uma pequena vila do sertão da Paraíba. A obra teve adaptação cinematográfica acompanhada de grande repercussão nacional, e aclamado como uma das principais obras do cinema brasileiro. Também é reconhecido como um dos grandes defensores da cultura nordestina sendo o precursor do “Movimento Armorial”, ocorrido na década de 70.

Juntamente com outros artistas como Francisco Brennand, Gilvan Samico, Raimundo Carrero, Antônio Madureira e Antônio Nobrega (DIANA, 2017), Suassuna iniciou um movimento responsável por fomentar a disseminação da cultura nordestina de forma gratuita, independente de status social ou econômico. Seu propósito era patrocinar a diversidade da cultura através das mais diversas artes, estimular o acesso e desenvolvimento das atividades artísticas, colocando sobre o mesmo patamar a arte considerada erudita e a arte popular. Segundo Costa (2007):

A criação do Movimento Armorial, junto ao trabalho de artistas populares, além de defender essas características “autenticamente” brasileiras, pretende desmistificar o conceito de que a arte erudita seja de melhor qualidade, ou ainda, superior à arte popular. O que existe é uma visão equivocada acerca de elementos totalmente diferentes. Não seria a arte erudita a “arte superior” e, nem tampouco, a arte popular a “arte inferior”. O fazer artístico seria uma atividade para elites, sejam elas, popular ou erudita, uma vez que a arte não é algo democrático, com oportunidades iguais para todos.
(COSTA, 2007, p. 28-29)

A proposta de desmistificação da superioridade do erudito em relação ao popular trazida por Suassuna no Movimento Armorial forneceu um novo ponto de vista em relação à arte no Brasil. A validação da produção artística não mais seria restrita a conteúdos produzidos autores altamente preparados, frequentadores da academia e exímios no manejo com as palavras, mas também seriam validadas as manifestações populares brasileiras, no contexto da realidade de seu povo, atrelada fortemente aos fatores culturais regionais de seus autores, fomentando assim a arte popular. A arte popular é um gênero característico da cultura brasileira e, sobretudo, nordestina, visto que não se limita aos padrões necessários ao estilo de arte erudita, com isso o artista tende a ter uma maior liberdade ao criar sua arte, de forma a diversificar as formas de se expressar artisticamente. A remoção das barreiras técnicas permite o acesso de diferentes camadas de população à arte, isso somado ao fato do subdesenvolvimento educacional da região durante muitos anos, eleva a cultura popular a um estilo de arte único, essencialmente expressivo.

Além de sua participação ativa no fomento à cultura, Suassuna produziu diversos poemas onde retrata o Nordeste, sempre de forma cuidadosa, explicitando em sua poesia as peculiaridades da forma nordestina de enxergar o mundo. Seu poema *A Morte – O Sol do Terrível* retrata a morte metamorfoseada em elementos

típicos do Sertão, utilizando de elementos culturalmente familiares na composição da obra.

A MORTE – O SOL DO TERRÍVEL

*Mas eu enfrentarei o Sol divino,
o Olhar sagrado em que a Pantera arde.
Saberei porque a teia do Destino
não houve quem cortasse ou desatasse.*

*Não serei orgulhoso nem covarde,
que o sangue se rebela ao toque e ao Sino.
Verei feita em topázio a luz da Tarde,
pedra do Sono e cetro do Assassino.*

*Ela virá, Mulher, afiando as asas,
com os dentes de cristal, feitos de brasas,
e há de sagrar-me a vista o Gavião.*

*Mas sei, também, que só assim verei
a coroa da Chama e Deus, meu Rei,
assentado em seu trono do Sertão.
(SUASSUNA, 19-)*

Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como “Patativa do Assaré” é outro nome de grande expressão na literatura nordestina. Suas poesias tinham a configuração de Cordel, utilizando o poema como forma de narrativa para suas obras. O autor é conhecido por sua reflexão acerca da situação do homem nordestino, analisando as dificuldades provenientes de suas condições de vida. Passeando por diversas temáticas, o autor é amplo em suas abordagens de forma a discorrer sobre diversos assuntos em suas obras, entretanto “a pobreza e o sofrimento do sertanejo, a felicidade e o infortúnio, o bem e o mal, o sertão e a cidade, o latifúndio e o agregado, o retirante, o social e o político, a ética e a honestidade, o perdão e a grandeza, a fé em Deus e na religião” (VERIATO, 2012), são os aspectos temáticos centrais de suas obras. Sua linguagem é carregada de expressões fortemente populares ao trazer para o texto certas palavras da forma como elas são ditas cotidianamente pelo sertanejo, com algumas sílabas omitidas e expressões características, como explicitado no poema *A Terra É Naturá*.

A TERRA É NATURÁ

*Esta terra é como o Só
Que nace todos os dia
Briando o grande, o menó
E tudo que a terra cria.
O só quilarêa os monte,
Tombém as água das fonte,
Com a sua luz amiga,
Potrege, no mesmo instante,
Do grandaião elefante
A pequenina formiga.*

*Esta terra é como a chuva,
Que vai da praia a campina,
Móia a casada, a viúva,
A véia, a moça, a menina.
Quando sangra o nevuêro,
Pra conquista o aguacêro,
Ninguém vai fazê fuxico,
Pois a chuva tudo cobre,
Móia a tapera do pobre
E a grande casa do rico [...]
(PATATIVA DO ASSARÉ, 19-)*

Expressões como *nace*, *briando*, *móia*, *véia* e *consquistá* são portadas diretamente do vocabulário do homem sertanejo, que sem acesso à formação que lhe conceda conhecimento gramatical suficiente para vocalizar as palavras de forma correta, as vocaliza de maneira comumente popular. Estes erros são cometidos de maneira proposital, sua inserção permite ao leitor uma identificação quase instantânea do arquétipo de seu narrador, bem marcado pela presença de seus vícios de linguagem e expressões características. O poema retrata a visão do sertanejo em relação à sua terra comparando-os com a natureza, com o uso de suas observações empíricas para explicar como as coisas, de fato, acontecem. Sua reflexão é um espelho de suas crenças, culminando em sua perspectiva única sobre a vida.

Outro grande nome da literatura brasileira é Graciliano Ramos (1898-1953). É considerado o melhor ficcionista do Modernismo e o prosador mais importante da Segunda Fase do Modernismo. Suas obras, embora tratem de problemas sociais do Nordeste brasileiro, apresentam uma visão crítica das relações humanas, que as tornam de interesse universal. O romance *Vidas Secas* (1938) é considerado sua obra. Narra a história de uma família de retirantes nordestinos, que atingida pela seca é obrigada a perambular pelo sertão, em busca de melhores condições de vida. A obra pretende mostrar a tirania da terra cruel, atuando sobre o homem. Sobre a obra, Brunacci (2018) diz,

A voz narrativa em *Vidas Secas* tem sido estudada a partir da técnica do discurso indireto livre. Essa é uma técnica dialógica, no sentido acima sublinhado. Confundem-se mas sem apagar as diferenças, o que não seria próprio a Graciliano as vozes do personagem e do narrador. Mas o que isso quer dizer exatamente? Quer dizer que lemos em *Vidas Secas* duas histórias diferentes mas intencionalmente misturadas: a história dos personagens e a história do escritor, mediado pelo narrador em terceira pessoa. Uma terceira pessoa falsa, porque se lemos aí a história do escritor Graciliano; se podemos aí captar a posição de classe do escritor, é porque o narrador não é neutro e está envolvido na história que narra. (BRUNACCI, 2018)

Temos assim, em *Vidas Secas*, a construção da história de um personagem fictício paralela à participação do próprio autor na obra, acrescentado a ela sua perspectiva sobre os fatos. O autor envolve-se na história e expõe suas emoções, torna-se parte do texto, e o faz isso através de si próprio, intercalando sua presença onisciente com a presença do personagem na construção do ambiente da obra. O estilo de Graciliano, simples e direto, dá suporte à sensação de aridez do ambiente do Sertão, que cerca os personagens retirantes.

A obra *Morte e Vida Severina* retrata um Nordeste similar ao visto em *Vidas Secas*, apesar dos dois se tratarem de estilos literários diferentes. A situação escassa, um ambiente difícil, a vida sofrida, ambos são retratados nas duas obras de maneira excelente. Sendo o poema, uma das melhores alternativas quando o objetivo é traçar um panorama do Nordeste de “antigamente” sob as lentes da poesia.

4. OS AUTORES

4.1. João Cabral de Melo

João Cabral de Melo Neto é, sem sombra de dúvidas, um dos poetas/escritores mais reconhecidos em território nacional. Para muitos, este é considerado o maior poeta brasileiro do século passado. Suas obras carregam a expressão artística original que é marca registrada de suas obras. Dentre elas podemos citar “Pedras do Sono”, “O Engenheiro”, “Psicologia da Composição”, “Paisagens com Figuras”, “Serial”, “Educação pela Pedra”, “Museu de Tudo”, “Escola de Facas”, “Morte e Vida Severina”, “Agrestes”, “Crime na Calle Relator”, “Sevilha Andando” e “Andando Sevilha”.

João Cabral é visto por muitos intérpretes como o artista in extremis, por conta de suas renúncias em favor da linguagem (MIRANDA, 2014, P.46). Sua capacidade de composição e dedicação ferrenha construíram para si uma imagem de alguém extremamente comprometido com o que se propunha a fazer: a escrita. Acreditava que a poesia exige o esforço continuado e o enfrentamento dos infinitos problemas que implica o poema que o poeta se impõe, com seu tema e estrutura (SARAIVA, p. 11).

Em suas obras pode-se perceber o caráter não-subjetivo de sua linguagem, em um conceito de linguagem das coisas onde não é ele “o autor” que fala por si, mas as coisas que têm voz e falam por si só, construindo suas narrativas. Nisto é construída uma poesia enxuta de sentimentalismo, seca, e ríspida, que entrega ao leitor aquilo que lhe é proposto desde o princípio. Apesar disso, não há como negar completamente a subjetividade presente em trechos de suas obras, afinal a própria construção das narrativas do autor é carregada de elementos do mundo real, entretanto, selecionados e reduzidos a um grupo seletivo de significações (MOURA, 1992, p. 44).

De acordo com Saraiva (2014), João Cabral foi talvez a mais original e consistente personalidade poética que já houve no Brasil. Sobre João, o autor cita:

Descendente de senhores de engenho, segundo de 7 irmãos, sendo o mais novo o hoje bem conhecido historiador Evaldo Cabral de Mello, educado em seios familiares com grandes tradições culturais – em que se contavam, pelo lado paterno, o dicionarista António de Moraes Silva ou os poetas

Manuel Bandeira e Mauro Mota, e, pelo lado materno, o antropólogo Gilberto Freyre e o historiador José António Gonsalves de Mello –, jogador de futebol juvenil no Recife, tipógrafo amador em Barcelona (para escapar a doença psíquica), historiador amador, diplomata, foi a poesia que sempre verdadeiramente o mobilizou, como produtor ou como leitor. (SARAIVA, 2014, p.9)

Integrante de uma família socialmente bem-sucedida, o acesso à literatura foi natural na vida de João. As grandes tradições culturais de sua casa serviram de fomento para o despertar de sua veia literária, o induzindo à escrita poética.

Em certo momento de sua vida, após uma viagem a Barcelona, João Cabral têm ciência da expectativa de vida no Recife, apenas 28 anos. A partir deste ponto o autor começa a dedicar-se na utilização do Nordeste como ponto de referência em sua poesia, apesar de todas as suas outras referências, insistindo em metaforizar e discorrer acerca da inegável luta do homem nordestino pela sobrevivência (SARAIVA, 2014, p. 10). Sua fixação pelo Nordeste não lhe impõe limitação, mas é ambiente de transformação e amplitude, no ato de metaforizar elementos do Nordeste em suas obras através de sua perspectiva única.

A indisfarçada fixação de João Cabral no Nordeste brasileiro, seu cenário e suas cenas, ou a insistência sobre «as mesmas coisas e coisas / que me fazem escrever / tanto e de tão poucas coisas» (melhor seria dizer: «tão pouco e de tão poucas coisas»), está longe de equivaler a uma limitação, porque corresponde a um aprofundamento, violador de limites: e não tem nada que ver com o sentimento bairrista ou patriótico, porque assume claramente as modalidades ou tonalidades do retorno matriótico. As «vinte palavras, sempre as mesmas» que, na modéstia e na hipérbole do poeta estão na base da sua produção, ou as «vinte imagens», de que falou Marta de Senna num dos importantes livros que foram consagrados a João Cabral, sugerem a fidelidade a matrizes de apreensão ou aprendizagem do real, diverso e dinâmico.
(SARAIVA, 2014, p.35)

É perceptível que o Nordeste, como ambientação das obras de João Cabral, vai além do local de acontecimento dos fatos. O Nordeste é em si, algo que transcende o espaço e suas características, adaptando-se à consciência do autor para culminar na criação de elementos novos, gerados a partir do ambiente padrão. Cabral agrega elementos de sua própria visão a fatos coerentes com a realidade nordestina, entretanto não fidedignos com essa realidade, mesclando o real e o metafísico no desenvolver de seus enredos. Na sua obra, muitas vezes, percebemos

uma aproximação tão íntima entre seres e coisas que chega a ocorrer, não em raros momentos, uma espécie de fusão que tende a desumanizar pessoas e humanizar coisas e seres irracionais (MOTA, 2014, p.2). O autor utiliza destas ferramentas para construir uma narrativa de estilo único, alicerçada na mensagem da obra e no seu contexto ambiental, subvertendo a ordem de determinados fatores afim de expressar de forma fidedigna sua visão dos fatos, ou melhor, a visão dos fatos das coisas.

A visão de um mundo distorcido, de um mundo às avessas permeia a obra de João Cabral que focaliza o mundo real, particularmente o espaço nordestino. Isto é perceptível, de modo relevante, em O Rio. O que ocorre, ao longo desse poema narrativo, é que o poeta, por vários processos de equivalência (metáforas, comparações, metonímias, etc.), nivela os diferentes elementos do mundo físico: o homem, o vegetal, o mineral e, às vezes, os objetos. Com frequência, aliás, como já assinalamos, por uma subversão da ordem hierárquica, o humano encontra-se em nível inferior ao desses outros elementos.
(FARIA, 2011, p.217)

A mistura de elementos modificados, imbuídos de ironia e contradição, são características da estética do “grotesco”, presente em suas obras. Diversos aspectos que remetem ao grotesco, são recorrentes em suas obras como “a morte e os aspectos que lhe são contíguos: velório, defunto, funeral, cemitério. O modo com o qual o autor trata os temas é diversas vezes irreverente, sarcástico, irônico e humorístico” (FARIA, 2011, p.215).

4.2. Bráulio Bessa

Bráulio Bessa é um poeta nordestino atualmente bastante reconhecido no país. Suas poesias inspiradoras têm sido altamente difundidas através na internet, através de vídeos onde o próprio autor as declama. Atualmente seus vídeos têm ultrapassado a marca de 30 milhões de visualizações. É um grande defensor da cultura nordestina, e tem lutado contra o preconceito sofrido por esta população em diversas partes do país.

Bráulio nasceu em Alto Santo, interior do Ceará, onde aos seus 14 anos descobriu a poesia popular. Segundo o site da editora *Sextante*, Bráulio teve como inspiração seu conterrâneo Patativa do Assaré, o que o levou a escrever seus próprios poemas. Em 2011 criou a página Nação Nordestina, que teve altos índices de popularidade na internet. Através disso, passou a ser reconhecido como “embaixador da cultura nordestina na internet”. O autor participa de programas de televisão de considerável relevância, onde difundiu seu trabalho através da declamação de seus poemas em forma de cordel e entrevistas onde o mesmo difunde informações sobre a cultura nordestina através de suas vivências. Seu canal no *Youtube* conta com 368 mil inscritos atualmente, onde o autor posta vídeos de poemas, conteúdo sobre sua vida pessoal e recortes de suas entrevistas.

Não há muitas informações disponíveis acerca do autor atualmente. Por se tratar de alguém que, apesar de ter grande repercussão, é um escritor que se encontra no começo de sua trajetória. O mesmo conta com apenas um livro de poesias publicado. Ainda não há biografia do mesmo disponível.

Por conta da baixa quantidade de obras, neste trabalho serão abordadas apenas duas poesias de Bessa, *Orgulho de Ser* e *Coração Nordestino*. Estas são, dentre seus poemas, os que são dedicados a falar sobre o Nordeste. O uso de trechos desses poemas é contraposto com o estudo de *Morte e Vida Severina*, permitindo a observação das mutações na representação do Nordeste em poesia. Vale observar que uma comparação direta entre as obras não é justa, pois o poema de João Cabral é um clássico literário de relativa complexidade, com um volume de texto consideravelmente maior do que encontrado nos poemas de Bessa, que apresentam menor quantidade de texto e são voltados a uma leitura rápida, aos padrões atuais da internet. Isto não remove seu valor como obra literária, apenas

distancia o estilo dos dois poetas, evidenciando suas diferenças causadas por todos os fatores influenciadores aos quais os mesmos são sujeitos em suas respectivas épocas.

5. APROXIMAÇÕES E RECUOS ENTRE MORTE E VIDA SEVERINA, DE JOÃO CABRAL, AS POESIAS *ORGULHO DE SER* E *CORAÇÃO NORDESTINO*, DE BESSA

O poema de João Cabral é um grande clássico da literatura brasileira, referência quando o assunto é cordel. A obra já foi teve inúmeras representações em música, cinema e teatro. A TV escola produziu uma animação da obra, contando toda a trajetória de Severino. Em 1981 a Rede Globo de televisão produziu uma série com atores reais interpretando os personagens da obra. A obra já foi adaptada para teatro, dentre as adaptações podemos destacar a versão produzida por Moacyr Góes, contando com Lázaro Ramos e Elba Ramalho no elenco, conhecida como uma das melhores adaptações da obra para teatro, mixando música, interpretação e poesia.

A narrativa de *Morte e Vida Severina* trata-se da vida e jornada de um homem chamado Severino, filho de Maria, esposa do finado Zacarias. Ele é referido pelo autor como um Retirante, dessa forma o podemos caracterizar como alguém que está em processo de mudança de sua terra natal, geralmente motivada por algum fator externo/ambiental. De fato, a motivação que leva Severino a abandonar sua terra não é explicitada em primeiro momento, entretanto podemos supor que ele o faz em busca de um local onde possa desenvolver de forma melhor sua vida.

A primeira estrofe do poema nos traz informações relevantes acerca da ambientação da obra, esta é intitulada “O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI”, e segundo a própria auto explicação do título nos apresenta Severino e um pouco de suas pretensões. O texto inicia com uma breve apresentação pessoal deste, expondo um breve trecho de sua história ao leitor:

Morte e Vida Severina

*O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias. [...]*
(NETO, 1955)

Podemos considerar Severino como um oprimido brasileiro que em sua caminhada vai descobrindo que sua opressão transcende as causas físicas e climáticas locais e, no mesmo passo, vai perdendo a voz e o espaço dentro da estrutura da obra (PILATI, 2001). Severino busca então, em sua jornada, encontrar um sentido para sua vida e o motivo de tantos sofrimentos que apavoram constantemente a si próprio e a seus conterrâneos. Durante sua busca por significado ele também demonstra uma necessidade de encontrar a si próprio, sua identidade e razão existencial. Relacionado à sua identidade, no seu contexto social-local, devemos analisar alguns aspectos.

Uma situação muito comum em cidades nordestinas, sobretudo sertanejas, é que as pessoas geralmente são associadas a seus familiares para fins de sua própria identificação. No caso de Severino, este seria um nome bastante popular em seu meio. Havia muitos “Severinos” naquela localidade, sendo este nome uma homenagem a São Severino dos Ramos, trazendo à tona mais uma vez a forte influência religiosa presente no contexto social onde o personagem está inserido. Dessa forma, em busca de uma melhor identificação este é apresentado como “Severino de Maria”, por conta de sua mãe. Entretanto, isto também se mostra insuficiente, tendo em vista que o nome Maria também era extremamente popular em seu contexto, o que também pode estar associado a um sentido religioso, existindo muitos “Severinos filhos de Marias”. Dessa forma, mais uma referência familiar é adicionada a fim de gerar a identificação do personagem, a referência de seu pai, o já falecido Zacarias. Desta forma este fica conhecido como “Severino filho de Maria do finado Zacarias”.

Esta é a identidade do personagem em seu contexto social, verificando certa supremacia da identidade familiar, que substitui o uso de sobrenomes para a identificação da pessoa. Isso também é um forte indicador dos laços estreitos entre os cidadãos daquela localidade, tendo em vista que para que uma pessoa seja reconhecida desta forma, a pessoa que a reconhece também deve, no mínimo, conhecer os membros da família citados em sua identificação. Para que haja este conhecimento por parte de todos os membros deste contexto, o número de moradores desta localidade deve ser compatível com a disseminação destas informações. Portanto, podemos concluir que o local de nascimento de Severino apresentava baixa densidade demográfica, característica comum de pequenas cidades e vilas nordestinas, onde praticamente todas as pessoas se conhecem e tem contato direto entre as famílias, seja por laços matrimoniais ou puramente resultado de suas relações sociais estreitas.

O poema continua dizendo:

Morte e Vida Severina

*[...] Mais isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba. [...]*
(NETO, 1955)

Vemos neste trecho que outra referência é feita, agora não mais em uma conotação religiosa, mas em honra a uma autoridade regional do contexto de Severino. O coronel Zacarias, figura importante do cenário, o qual recebeu homenagens de muitos pais ao colocar seu nome em seus filhos. O que é uma marca importante da regionalidade nordestina, sobretudo, de épocas mais antigas. A supervalorização de seus comandantes políticos, geralmente em troca de pequenas ajudas para aliviar as situações precárias em que a maioria da população se encontra. Tratando os coronéis e demais autoridades como absolutos e dignos de

total respeito e, além disso, atribuindo certa afeição a estes, fruto dos “favores” feitos em tempos de dificuldade. Desta forma, o político não é visto como um trabalhador que luta pelos direitos e causas do povo, mas como um bom ser humano que, por vezes, fornece pequenas ajudas em momentos de extrema dificuldade. Assim, a população é alienada quanto a seus próprios direitos, e pior que isso, sendo incapaz de lutar por eles. Qualquer ajuda nesta luta é vista como válida, já que esta não é uma batalha travada apenas em busca da resolução destes problemas, mas por algo muito maior: a manutenção da vida.

Severino nos apresenta algumas de suas características físicas comuns aos dos outros “Severinos” que haviam por ali: cabeça grande, ventre crescido e pernas finas. Estas características são mais um reflexo da realidade destas pessoas, lugar onde a pobreza, desnutrição e fome atingem de forma geral a maior parte da população que ali vive. Por serem fatores relevantes na criação deste contexto, podemos entender melhor o que cada um deles significa, assim como podemos descobrir qual sua zona de atuação para a manutenção desta realidade. Segundo Monteiro (2003):

De modo bastante simples, pode-se dizer que pobreza corresponde à condição de não satisfação de necessidades humanas elementares como comida, abrigo, vestuário, educação, assistência à saúde, entre várias outras. A desnutrição ou, mais corretamente, as deficiências nutricionais – porque são várias as modalidades de desnutrição – são doenças que decorrem do aporte alimentar insuficiente em energia e nutrientes ou, ainda, com alguma frequência, do inadequado aproveitamento biológico dos alimentos ingeridos – geralmente motivado pela presença de doenças, em particular doenças infecciosas. A fome é certamente o problema cuja definição se mostra mais controversa. Haveria inicialmente que se distinguir a fome aguda, momentânea, da fome crônica. A fome aguda equivale à urgência de se alimentar, a um grande apetite, e não é relevante para nossa discussão. A fome crônica, permanente, a que nos interessa aqui, ocorre quando a alimentação diária, habitual, não propicia ao indivíduo energia suficiente para a manutenção do seu organismo e para o desempenho de suas atividades cotidianas. Nesse sentido, a fome crônica resulta em uma das modalidades de desnutrição: a deficiência energética crônica.
(MONTEIRO, 2003)

A pobreza na qual o personagem se encontra é uma característica social gritante durante todo o desenrolar do texto. O fato de retratar a Serra da Costela como “magra e ossuda” relata ao leitor a infertilidade do solo desta localidade, em conjunto com a seca, que agrava a situação da população local. Em uma sociedade

baseada nas práticas agrícolas, a seca gera grande vulnerabilidade, visto que não há outros meios de subsistência para garantir pelo menos o básico de suprimentos necessários para manter as famílias da região. Mais do que qualquer outro contingente demográfico do nosso interior, esta população forma um povo e uma cultura amarrados à rusticidade da vida econômica e social nas caatingas. Encontramos uma centenária cultura popular de raízes linguísticas centradas em fundamentos ibéricos e aperfeiçoadas ao calor das forças telúricas e ameríndias, em um ambiente físico e humano que não reservou lugar para os fracos e acomodados (AB'SABER, 1999). Apesar da pobreza generalizada, da fome e, em consequência, subnutrição (também apresentada pelas características físico-corporais citadas), Severino se mostra um homem forte e perseverante, tendo em vista a necessidade de encontrar um significado em meio a tão grandes adversidades.

O personagem se mostra indignado em vários momentos, onde a desesperança aflora de maneira abrupta o forçando a aceitar o destino de ser um Severino, passar por uma vida curta e dolorosa, e encontrar, precocemente, com a sua morte, denominada por ele de Severina. Este adjetivo tem por função condensar em uma só palavra toda a trajetória de um Severino, do início da sua vida até o fim. Morte essa de velhice antes dos 30, resultado da árdua batalha contra a miséria ao custo de extremo trabalho de pouco resultado, ou de emboscada antes dos 20, citado na obra. Onde “Severinos” são todos aqueles que passam pela trajetória rude apresentada pelo personagem principal da obra, com as características que já começamos a descrever.

É assim que Severino se apresenta: um homem cuja única opção é ser forte, em uma terra onde tudo parece apontar contra sua existência. Um homem que busca não apenas a dignidade de uma vida menos sofrida, mas que, sobretudo, procura significar cada uma das dores de sua existência, empenhando-se em encontrar as respostas para as questões pungentes relacionadas a seu próprio ser.

Bessa em *Orgulho de Ser*, também apresenta a si próprio através de sua poesia.

Orgulho de Ser

*Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura
Sou vida difícil e dura
Sou nordeste brasileiro
Sou cantador violeiro
Sou alegria ao chover
Sou doutor sem saber ler
Sou rico sem ser granfino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser [...]
(BESSA, 2017)*

Como o próprio título evidencia, a obra se empenha em representar o *orgulho* de ser nordestino. Este orgulho não está ligado a um sentimento de arrogância ou superioridade, ao contrário, está ligado ao respeito que o autor apresenta por suas próprias raízes. Ele apresenta-se como “*gibão de vaqueiro*”, “*cuscuz*” e “*rapadura*”. Ao fazer isto, exalta elementos característicos da vida de um nordestino, com a vaquejada que é um tipo de evento tipicamente nordestino e interiorano, e cuscuz/rapadura que são alimentos comuns no dia-a-dia do nordestino. A “alegria ao chover” as dificuldades trazidas pelo ambiente semiárido, onde chover é motivo de festa, ao trazer consigo a oportunidade de subsistência do povo que planta, junto com o alívio do clima promovido pela chuva. Apesar de não ser tão significativa para o povo, na atualidade, em termos de subsistência, quanto era para o povo retratado no poema de João Cabral, que dependia da chuva pra, literalmente, sobreviver, a chuva é em Bessa motivo de alegria e gratidão. Na atualidade a parcela de nordestinos que sobrevivem da agricultura é muito menor do que este índice nos anos 50. Porém a chuva continua sendo exaltada por todo seu significado cultural para o povo, ela foi por muito tempo a diferença entre colheita ou fome, vida ou morte. Desta forma seu significado passa de apenas um fenômeno natural para um acontecimento a ser comemorado pelo povo.

Da mesma forma que Severino, o chão onde o escritor nasceu e viveu apresentou para si consideráveis dificuldades. Mesmo que o poema tenha sido escrito 62 anos após a obra de João Cabral, a realidade do Nordeste expressa por ele não é de total diferença. Ainda há problemas que assolam o nordestino, a vida permanece “*dura e difícil*”. Porém em Bessa não há enfoque no sofrimento, ao contrário, o sofrimento reforça a capacidade do nordestino de lidar com situações adversas, orgulhando-se de sua força, removendo as adversidades do holofote, contrário ao visto na obra de João Cabral.

Na poesia de Bessa há um grande senso de identidade, atrelada à noção de pertencimento. Segundo Schwarz (1986, p.106), as identidades são formadas e transformadas no interior da representação. O modo de ser de uma cultura é representado por um conjunto de significados, sendo as pessoas não apenas cidadãos legais de uma localidade, mas participantes da ideia do ambiente como representado em sua cultura local. Assim, a cultura de um local é parte essencial do senso de identidade de seus moradores. E como visto em Bessa, o *orgulho de ser* nordestino é derivado de um conjunto de elementos culturais que apoiam a identidade nordestina.

Orgulho de Ser

[...] *Da minha cabeça chata*
Do meu sotaque arrastado
Do nosso solo rachado [...]
(BESSA, 2017)

Sejam a anatomia da *cabeça chata*, a peculiaridade do *sotaque arrastado*, as características áridas de seu *solo rachado* que *maltrata a gente*, são características que denotam a identidade do povo nordestino.

Este senso de identidade na obra de João Cabral é distorcido. A identidade de Severino é, a todo momento, subjugada como algo sem valor. No início da jornada de Severino, no Agreste pernambucano, seguindo o traçado do rio Capibaribe até Recife, passando pela Zona da Mata, o personagem encontra-se com dois homens que carregam um cadáver envolto por uma rede. Então há o seguinte diálogo.

Morte e Vida Severina

*[...] A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.
E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,
sabeis como ele se chama
ou se chamava?
Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lavra. [...]*
(NETO, 1955)

Observa-se que o defunto também se chamava Severino, reforçando o discurso inicial do protagonista acerca de seu próprio nome, aliado ao descaso proposital do autor em relação à identidade de Severino. Aqui não há individualidade, todos são Severinos, não por causa de um nome, mas por um estilo de vida severo, por muitas vezes cruel. Neste âmbito há pouco espaço para questões relacionadas à individualidade e, portanto, identidade. Este recurso também é utilizado na obra com o propósito de comparar a vida de Severino com a situação de diferentes personagens, na tentativa de correlacionar a situação e destino dos mesmos. Pode-se também interpretar o recurso como uma forma de colocar os personagens no mesmo plano, todos daquele local estão sujeitos a uma *Morte e Vida Severina*, que é a situação da maioria dos nordestinos, sobretudo sertanejos, da época.

Continuando a conversa entre Severino e os dois homens, uma discussão é iniciada acerca da forma como se deu a morte do homem que carregavam.

Morte e Vida Severina

[...]— *E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?*

— *Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.*

— *E o que guardava a emboscada,
irmão das almas
e com que foi que o mataram,
com faca ou bala?*

— *Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mas garantido é de bala,
mais longe vara.*

— *E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?*

— *Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada. [...]*

(NETO, 1955)

O falecido era lavrador de um pequeno campo infértil, onde persistentemente insistia em lavrar palha, em uma região de caatinga. Possuía dez quadras de terra localizadas em uma serra, local onde há dificuldade em obter-se água, por não se tratar de várzea. Severino indaga sobre como se procedeu a morte do homem, os que o carregam afirmam que ele foi assassinado, que sua morte foi “matada”. Pode-se observar que o texto retrata de maneira precisa a vulnerabilidade aos quais a população daquelas terras estava submetida. A segurança não era um fator presente, relatos como a morte deste homem eram, aparentemente, corriqueiros. A expressão “*sempre há uma bala voando desocupada*”, reforça a ideia. Em uma época onde os direitos humanos não eram difundidos e não havia desenvolvimento público o suficiente para garantir a segurança da população, muitos estavam sujeitos a terem o mesmo destino, muitas vezes por não terem condições de se defender frente a ameaças. A poesia de Bessa, *Coração Nordestino*, retrata o senso de segurança de uma maneira relativamente diferente.

Coração Nordestino

*[...] Quando a gente olha pro alto
Consegue enxergar a lua.
Caminhar no meio da rua
sem ter medo de assalto,
um terreiro sem asfalto,
sem concreto, clandestino
e um açude cristalino,
um cheiro no bem querer.
Tudo isso faz bater
um coração nordestino. [...]*
(BESSA, 2017)

No nordeste de Bessa não há tanto perigo eminente. É possível caminhar na rua sem ter medo de assaltos, coisa corriqueira na cidade grande. Também não é citado o perigo de ser surpreendido por uma *ave bala*. No contexto de Bessa seu lugar é bucólico, tranquilo e transmite paz. Não há a poluição dos grandes centros, portanto é possível enxergar a lua. Não há asfalto, concreto e coisas de *cidade grande*. Tudo que há é um “*açude cristalino e cheiro de bem querer*”. É possível observar que, nesse aspecto, há uma aproximação entre as representações de João Cabral e Bessa, a partir da forma como o ambiente é representado. A falta de desenvolvimento de algumas regiões interioranas do Nordeste permite que o ambiente descrito por Bessa seja similar ao visto em *Morte e Vida Severina*, na apresentação de localidades mais rurais, onde a natureza predomina. Se em João Cabral isto era um reflexo de uma grande falta de desenvolvimento da região, em Bessa é visto como uma característica ambiental indispensável. Os açudes, as roças, o céu, tudo isto é exaltado de forma a fazer parte do contexto do ambiente, não como um sinal de subdesenvolvimento, mas agora como uma característica que leva o local ser superior, para o autor, se comparado à realidade dos grandes centros.

O ambiente retratado por João Cabral mantém-se hostil durante toda a obra. Em dado momento Severino vai em busca de trabalho. Uma mulher está à janela de sua casa, o personagem aproxima-se a fim de encontrar informações para que, talvez, consiga arrumar algum trabalho ali. Há um diálogo onde Severino fala sobre sua capacidade de trabalho e suas habilidades que possam ser da serventia de algum empregador daquela região. Ele diz que é lavrador, entretanto a mulher lhe responde que não há nada a se lavar ali. Diz que conhece as roças que podem ser

plantadas naquele chão, a mulher retruca dizendo que não há quem financie a agricultura ali. No final das contas nenhuma das habilidades de Severino é própria para exercer algum trabalho naquele local. Há apenas uma habilidade que, segundo a mulher, poderia lhe gerar algum emprego naquele local, onde, também, há predominância da morte.

Morte e Vida Severina

*[...]— Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
— Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
— Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhá-vamos a meias,
que a freguesia bem dá. [...]
(NETO, 1955)*

O negócio que mantém a subsistência daquela mulher é lidar com a morte. Segundo ela, este é o único trabalho em que há freguesia. Ela continua dizendo,

Morte e Vida Severina

*[...]— Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazemos mais prosperar;
e dão lucro imediato;*

*nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear [...]*
(NETO, 1955)

A fala da mulher é uma referência aos altos índices de mortalidade regionais, na época. É uma evidência de como a morte era corriqueira, tornando-se rotina. Desta forma, para ela, muito mais valia trabalhar apenas nesse “negócio” do que tentar a sorte em quaisquer outras atividades. As preces da mulher são sua forma de ganhar dinheiro, sua reza tem por principal motivação a morte. Este é o assunto principal da obra João Cabral, porém em Bessa a morta sequer chega a ser citada. As únicas preces citadas em seu poema *Coração Nordestino*, estão relacionadas à chuva.

Coração Nordestino

*[...] Banho de chuva na biqueira,
dindin de coco queimado,
menino dependurado
nos braços de uma parteira,
manicure faladeira,
o gado magro e mofino.
Novenas para o divino,
pedidos para chover
Tudo isso faz bater
um coração nordestino. [...]*
(BESSA, 2017)

Ao chegar na Zona da Mata, sub-região litorânea, Severino percebe uma mudança nas características naturais da região. A terra é dita agora como “*branda e macia*”. O personagem descreve que a terra na Zona da Mata é “*doce para os pés e para a vista*”, destoando do ambiente de sequidão e morte vistos em sua trajetória. A água neste ponto já é um fator mais abundante, com rios correndo de forma perene. Severino imagina que talvez ali seja uma terra boa para passar o resto dos seus dias. Entretanto, o local em que ele está é um canavial, uma plantação, provavelmente, de um latifundiário. Severino tem altas expectativas sobre o lugar, afinal parece muito melhor que o Sertão. Porém Severino avista mais um funeral, agora de um trabalhador daquela fazenda. Os diálogos narrativos demonstram a realidade vivida por aquele homem prestes a ser enterrado.

Morte e Vida Severina

— *Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.*
— *Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.*
— *Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.*
— *Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.*
— *Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.*
— *Trabalharás numa terra
que também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.*
(NETO, 1955)

A realidade daquele homem é que ele passou toda sua vida trabalhando naqueles campos e nunca teve um pedaço de terreno para chamar de seu. Que somente agora, no fim da sua vida, teve um pedaço de terra. As características dadas ao homem são de magro, esguio, indicando que sua vida também não foi fácil. Após trabalhar toda sua vida este pedaço de terra recebido é apenas o local onde o próprio será enterrado. O homem agora é não apenas lavrador da terra, mas une-se à terra em sua morte. Ele é a própria terra, semente e grão, elementos que passou a vida em contato agora o compõe. Isto é feito afim de reduzir a grande tristeza que foi sua vida e morte, na tentativa de lhe dar algum sentido. No fim das contas aquele lugar carregava mais do mesmo: morte.

O trabalho na obra de Bessa enfoca-se nas atividades rurais em geral, representando o estilo de vida do trabalhador nordestino, conforme o trecho a seguir. Atividades como vaquejada, engenho e agricultura são mencionadas, sendo parte da rotina local.

Coração Nordestino

*[...] O Gibão de um vaqueiro
que é sua armadura,
engenho de rapadura
e pega-pega no terreiro,
um barrão lá no terreiro,
pra quem é chique, um suíno.
O caminhão de Faustino
cheio de manga prá vender. [...]*
(BESSA, 2017)

Um ponto de encontro entre as obras é a desolação experimentada pelos mais humildes. Em João Cabral Severino é um homem desolado pela miséria que o assola. Em determinado trecho o personagem tem um diálogo consigo, onde discorre acerca de sua jornada e questiona-se se o esforço foi válido, até então.

Morte e Vida Severina

*— Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.
Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga,
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima*
(NETO, 1955)

No Agreste, Severino sofria pela falta. Na Zona da Mata os “Severinos” também sofrem pela falta, mas em um ambiente de abundância onde são explorados até a morte e não recebem o justo pelo seu grande e pesado trabalho. Antes, alimentam os grandes e lhes servem como instrumento até que não lhes reste mais fôlego de vida. Vivem em condições precárias de trabalho e estão em condições paralelas ao homem do Agreste, apesar da região da Zona da Mata ser, naturalmente, mais agradável de se viver. Em Bessa também nos é apresentado um “Severino”, mendigo e cego.

Coração Nordestino

*[...] Um cego pedindo esmola
lamentando o seu destino.
É só mais um Severino
Que não tem o que comer. [...]*
(BESSA, 2017)

Este “Severino” é a representação de que a situação ainda é ruim para alguns, mesmo nos dias mais atuais. O lamento sobre a incerteza do destino é uma característica crucial da obra de João Cabral, neste ponto ambos os poemas se aproximam. Afinal, independente de qualquer avanço e desenvolvimento de uma região, há sempre uma parcela da população que não consegue usufruir destas melhorias. Considerando que o Nordeste atualmente, apesar do crescimento, ainda continua sendo uma das regiões de menor índice de desenvolvimento, é natural que ocorram essas situações, tanto no interior quanto nas grandes cidades. Não omitir esta realidade acrescenta veracidade às obras de Bessa, permitindo uma representação mais fiel.

Severino avança para a capital e depara-se com dois coveiros conversando. Eles comentam sobre o destino dos retirantes que migram para a capital.

Morte e Vida Severina

*[...]— É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
— Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
— E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar.
— Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
— Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
— E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
— Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
— Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte [...]*

— *E esse povo de lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitério esperando.*
— *Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro [...]*
(NETO, 1955)

Este trecho retrata a dura realidade do retirante sertanejo ao chegar na capital. Sua perspectiva é frustrada pela falta de oportunidades, moradia ou qualquer perspectiva. Não há a quem se possa recorrer. O retirante literalmente faz uma viagem em busca de uma melhor perspectiva de vida, na tentativa de estender sua vida até a velhice, e acaba celebrando seu próprio funeral precoce, ao perceber que não era apenas o ambiente do Sertão que lhe trazia a pobreza, mas a falta de oportunidades em si. A falta de uma boa educação, de apoio governamental, de um emprego, estabilidade financeira, lazer. Todos esses fatores são cruciais para o atendimento básico das necessidades humanas, e todos são escassos ou nulos, na representação do Nordeste da obra de João Cabral. A auto resposta de Severino ao ouvir o discurso é que ele tinha ciência de que não esperaria uma drástica mudança na sua vida, apenas uma pequena melhoria. Ele sabia que pás, enxadas e foices de corte o esperariam. Ele só queria o básico “*na quartinha, a água pouca, dentro da cuiá, a farinha, o algodãozinho da camisa e meu aluguel com a vida*”. O aluguel que se paga à vida é apenas o a manutenção daquilo que nos torna vivos, a satisfação de nossas necessidades fisiológicas básicas. Era apenas o que ele buscava.

Bessa apresenta uma realidade diferente para o nordestino, com enfoque diferente.

Coração Nordestino

*[...] Pracinhas prá namorar,
sem pular nenhuma etapa.
Cachaça no bar da tapa,
cantadores prá rimar,
um forrozinho prá dançar
que também é nosso hino.*

*Quer dançar? Eu lhe ensino
Até o suor descer.
Tudo isso faz bater
um coração nordestino. [...]
(BESSA, 2017)*

Ele apresenta a realidade do nordestino de forma divergente de João Cabral, dado enfoque aos costumes do povo, diretamente relacionados com sua cultura. Não mais demonstrando um sertanejo migrante, em busca de sobrevivência em terras distante de sua casa, mas feliz de estar em sua terra natal. Em *Morte e Vida Severina* praticamente não há estrofes que denotem a felicidade dos personagens, em Cabral há essa demonstração através da prática dos costumes do povo. As típicas pracinhas interioranas são o local de reunião das pessoas da cidade, onde os jovens desenvolvem seus primeiros relacionamentos amorosos “*sem pular nenhuma etapa*”, expondo o conservadorismo presente na cultura nordestina. A *cachaça nos bares*, com a presença de “*cantadores*” e *forró* constituem uma cena típica de muitas cidades nordestinas.

Severino, ao avançar, conhece um morador de um dos mocambos que existem entre o cais e a água do rio. Ele se refere ao senhor como Seu José, mestre Carpina. Eles iniciam uma conversa onde a profundidade do rio é comparada com a profundidade da fome dos necessitados.

Morte e Vida Severina

— *Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega o abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.*

— *Severino, retirante
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzo este rio
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.*

— *Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?*
(NETO, 1955)

Severino se encontra sem esperanças quanto à vida, tamanha a miséria que o assola e o envolve. Ele se pergunta se não é melhor desistir de tudo e “saltar fora da ponte e da vida”. Neste ponto o personagem encontra-se em extrema desolação. Depois de todo o seu trajeto, do agreste ao litoral, ele somente tem se deparado com situações que reforçam sua desesperança quanto à vida. Mesmo sendo as mais baixas possíveis, suas expectativas não foram atendidas.

Na poesia de Bessa é possível notar uma diferença quanto à questão da fome presente na obra de João Cabral.

A fome não é representada na poesia de Bessa, ao invés disso são evidenciados os alimentos que fazem parte da rotina deste povo como “*pirão e caldo fino*”, preparos relativamente simples, entretanto característicos da região. Apesar de não demonstrar fartura, o texto não demonstra a miséria, diferindo da representação de João Cabral. O que pode ser um reflexo das melhorias no acesso à alimentação na região, ao longo do tempo.

Um novo elemento quebra, abruptamente, o enfoque da morte, centralizado até este ponto na obra de João Cabral: a chegada de uma nova vida. Neste momento é chegada a notícia de que o filho de José, personagem com o qual Severino dialoga, nasceu.

Morte e Vida Severina

*[...]— Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida? [...]*
(NETO, 1955)

O texto é direcionado para a casa de José, onde o recém-nascido se encontra. Logo vizinhos, amigos, duas ciganas e mais pessoas se aproximam da casa de seu José afim de celebrar a vida do menino nascido. Gente de todos os lados começa a chegar trazendo presentes para o recém-nascido. Seus presentes são singelos, eles não têm condições de lhe dar coisas dotadas de algum considerável valor econômico. São lhe dados caranguejos dos mangues, oferecida uma ama de leite, um jornal para servi-lhe de cobertor, água da bica do Rosário, um canário da terra, uma bolacha d'água, um boneco de barro entre outros presentes. Todos derivados da natureza ou aqueles pertences acessíveis à realidade daquelas pessoas.

Duas ciganas chegam e uma delas começa a falar acerca do futuro do menino recém-nascido. Sua descrição do destino do menino é um reflexo das condições daquele povo. Ela diz que o menino aprenderá a engatinhar por aí com aratus, aprenderá a caminhar na lama como goiamuns e a correr com os anfíbios caranguejos. Aprenderá a caçar com as galinhas e cachorros do lixo. Quando mais crescido, elas dizem enxergar o menino coberto de lama negra voltando de uma pesca de siris, e ainda mais crescido pescando camarões. Porém a outra cigana toma a frente do discurso, diz que o menino não irá passar toda sua vida pescando, mas será também homem de ofício. Trabalhará dentro de uma fábrica, coberto pela graxa de sua máquina. Ela diz que o fruto do trabalho do menino resultará em uma pequena mudança em sua vida, sair dos mangues do Capibaribe para um lugar melhor nos mangues do Beberibe. Ou seja, uma mudança quase nula, mas ainda sim uma mudança.

Os vizinhos e as outras pessoas começam a falar sobre o menino. Suas características físicas não são das melhores. O referem como sendo um menino

magro, pálido, “guenzo”, pequeno e franzino. Porém eles focam bem na beleza da vida que o menino representa.

Morte e Vida Severina

— *De sua formosura
deixai-me que diga:
é belo como o coqueiro
que vence a areia marinha.*
— *De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como o avelós
contra o Agreste de cinza.*
— *De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.*
— *De sua formosura
deixai-me que diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa*
(NETO, 1955)

José, o carpina, se dirige Severino. O poema finaliza com sua fala na tentativa de acalantar a desesperança de Severino, após o surto de esperança gerado pela vinda de seu filho.

Morte e Vida Severina

*E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.*
(NETO, 1955)

Apesar de todas as dificuldades o poema culmina na decisão de resistir, na tentativa incessante de acreditar que a vida é maior do que todos os problemas que lhe permeiam, no apego a essa esperança, mesmo que o ambiente externo seja cruel e hostil. O panorama do nordeste de *Morte e Vida Severina* é este: uma região assolada pela miséria na maioria de suas partes, com oportunidades de melhoria de

vida praticamente nulas, porém com um povo forte que acredita na vida e luta contra todas as más expectativas para sua contínua manutenção. A obra dá enfoque ao sofrimento em vida de grande parte da população do Nordeste, de acordo com a época na qual é retratado, com a morte sendo a base de seu enredo. Entretanto seu fechamento se dá com a conclusão de que, apesar da aura de morte do lugar, ela sucumbe ao grande poder trazido pela vida, mesmo que esta seja uma vida “Severina”.

Em Bessa vemos uma aproximação com a parte final da obra de João Cabral.

Orgulho de Ser

*[...] Dessa gente maltratada
Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
Mas mesmo nesse padecer eu sou feliz desde menino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser [...]*
(BESSA, 2017)

É dito que, de fato, o nordestino é acostumado a sofrer, e sempre injustiçado. Entretanto apesar de todas as dificuldades há uma felicidade intrínseca, que é relacionada diretamente ao fato de *ser nordestino*. A expressão *desde menino* também aparece no poema *Coração Nordestino*, com uma conotação parecida.

Orgulho de Ser

*[...] São milhões de pensamentos
que não saem da cabeça.
E antes que eu me esqueça
registro esses momentos
com poesia e sentimentos
desde os tempos de menino. [...]*
(BESSA, 2017)

A poesia de Bessa fornece a visão de um Nordeste cheio de esperança, apesar de sofredor, marcado por um passado tortuoso, apresentando uma figura diferente do nordestino apresentada na obra de João Cabral, que era o arquétipo do sertanejo sofredor, humilhado e fadado à miséria. A poesia deste autor é a renovação evolutiva da visão do panorama nordestino: um povo orgulhoso de suas raízes, esperançoso quanto ao futuro e convicto do seu modo de viver. Não mais tímido, ao contrário, pronto para lutar por seu espaço na sociedade, não mais retraído pela opressão do preconceito ou por achar-se insignificante. Com o passar dos anos o Nordeste mudou e consigo a mentalidade do seu povo sofreu alterações.

A poesia desse autor ergue as bandeiras da sua terra, orna sua poesia com as características culturais do seu povo e exalta aquilo que considera um dos maiores motivos de orgulho para si próprio: ser nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia, bem como outros tipos de arte, reflete a situação do povo que a produz. A mutação das formas como esse povo é representado, artisticamente, seu local de vivência é um indicativo de relevância das mudanças ocorridas ao longo do tempo. As obras estudadas, neste artigo, apresentam conteúdo distinto, apesar de serem categorizadas no mesmo gênero literário (poesia) e de se tratarem do mesmo tema (o Nordeste). As diferenças são notórias no que diz respeito ao enfoque, enquanto que *Morte e Vida Severina* demonstra um povo sujeito a grande sofrimento, as poesias *Orgulho de Ser* e *Coração Nordestino* dirigem os holofotes para a força de um povo que se reergue de um passado sofredor, com orgulho de demonstrar sua própria regionalidade.

A forma com a qual os autores retratam o Nordeste é fruto de sua realidade, podemos observar em estudos recentes como os feitos por Araújo (2014) que houve crescimento significativo do Nordeste nas últimas décadas, sendo a realidade atual relativamente distante daquela retratada por João Cabral, para a década de 50. Dentre elas podemos destacar uma mudança significativa nas bases econômicas do Nordeste como a inserção de novos meios de produção, modernização dos meios de produção antigos, o avanço da indústria e o vigor da construção civil.

Ainda há muitos aspectos a serem alterados a fim de diminuir a mortalidade, analfabetismo e desigualdades sociais da região. Entretanto as mudanças são notórias, e se refletem na forma como o cidadão nordestino vê, hoje, sua terra natal. E isto, conseqüentemente, é explicitado através da produção artística deste povo.

Neste contexto o estudo da literatura e seus gêneros, como a poesia, podem servir de termômetro e referencial acerca da situação de determinada localidade. Sendo assim, diferentes trabalhos do gênero podem ser produzidos, utilizando diferentes gêneros literários, além da poesia, de épocas diferentes, com o propósito de se estudar as mutações ocorridas nas representações destes locais e de seu povo.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Estudos avançados, v. 13, n. 36, p. 7-59, 1999.

BASTOS, Hermenegildo. **O que vem a ser representação literária em situação colonial**. Em torno à integração: estudos transdisciplinares: ensaios. Brasília: Editora UnB, p. 135-145, 2008.

BASTOS, Hermenegildo José de Menezes. **Formação e representação**. 2006.

BESSA, Bráulio. **Poesia com Rapadura**. Editora Cene. Primeira Edição. Outubro, 2017.

BRUNACCI, Maria Izabel. **Graciliano Ramos—um escritor personagem**. Autêntica, 2018.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

COSTA, Luís Adriano Mendes; GRANDE-PB, Campina. Movimento Armorial: o erudito e o popular na obra de Antonio Carlos Nóbrega. **Programa de Pós-Graduação Literatura e Interculturalidade (Dissertação de mestrado), Campina Grande: UEPB, 2007**.

DE CARVALHO MOTA, Maria Nilda. **Entre o Sertão e a Zona da Mata: Humanização e desumanização em dois poemas de João Cabral de Melo Neto**. Revista Crioula, n. 14, 2014.

DIANA, Daniela. **Movimento Armorial**. Site Toda Matéria. Disponível em, < <https://www.todamateria.com.br/movimento-armorial/>>. Outubro, 2017. Acesso em: 20 de fev. 2019.

EBIOGRAFIAS..., 2019. **Biografia de Graciliano Ramos**. Site Ebiografias. Disponível em, < https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/>. Fevereiro, 2019. Acesso em: 22 de fev. 2019.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste brasileiro**. Brasiliense, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. Claridade, 2018.

MONTEIRO, Carlos Augusto. **A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 48, p. 7-20, Aug. 2003. Acesso em 17 Nov. 2017.

MUZART, Zahidé Lupinacci. " **Morte e vida Severina**"- o poema do não. Travessia, n. 3, p. 33-40, 1981.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e vida Severina**. AGUIAR, Flávio. Com palmas medida: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira. São Paulo, SP: Boitempo, 1999.

PILATI, Alexandre Simões. **Pode o Severino falar?** Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 13, p. 3-17, maio/jun. 2001. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/2234/1791>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

SANTI, Helena Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Anagrama, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2008.

SEXTANTE..., 2019. **Nossos autores: Bráulio Bessa**. Site Editora Sextante. Disponível em, <<http://www.esextante.com.br/autores/braulio-bessa>>. Março, 2019. Acesso em: 22 de fev. 2019.

VERIATO, Edson. **Patativa do Assaré era um defensor da reforma agrária**. Site Edson Veriato. Disponível em , <<https://www.edsonveriato.com/2012/03/patativa-do-assare-um-defensor-da.html>> . Março, 2012. Acesso em: 20 de fev. 2019.

ANEXOS

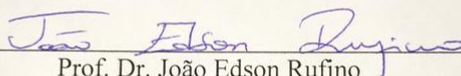
1. ATA DE DEFESA



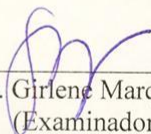
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância

ATA DE DEFESA

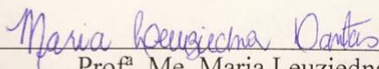
Aos quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e dezenove, às catorze horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos professores Dr. João Edson Rufino, Dra. Girlene Marques Formiga e Me. Maria Leuziedna Dantas, para examinar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "MUTAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES POÉTICAS DO NORDESTE BRASILEIRO" de autoria de **CICLEIDE ALVES DA NÓBREGA FORMIGA**, aluna do Curso Superior de Licenciatura em Letras a Distância, no polo Sousa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. O professor João Edson Rufino, presidente da banca, iniciou os trabalhos concedendo a palavra à aluna para uma breve apresentação do trabalho. Em seguida, procedeu-se à arguição, ao fim da qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela APROVAÇÃO do trabalho, ao qual foi atribuída a nota 85. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai datada e assinada pelos examinadores.



Prof. Dr. João Edson Rufino
(Orientador)



Prof.^a. Dra. Girlene Marques Formiga
(Examinadora)



Prof.^a. Me. Maria Leuziedna Dantas
(Examinadora)

João Pessoa, 04 de abril de 2019.